



PORTO — O CONVENTO DE SANTO ANTONIO DE VALLE DE PIEDADE.

CORRENDO o anno de 1566, Braz Pereira, cavalleiro da ordem de Christo, e sua mulher Mecia da Paz, naturaes da cidade do Porto, offereceram aos religiosos capuchos da provincia da Piedade construir-lhes um convento em uma quinta, que elles offerentes possuiam nas visinhanças de Villa Nova de Gaia, e por conseguinte a pequena distancia do Porto. Foi acceita a offerta: por quanto em agosto de 1569 é que se deu principio á fundação do convento, e com tal diligencia andaram as obras, que em pouco tempo se acabou, dando-lhe por orago a Santo Antonio.

« Está situado este convento defronte da cidade do Porto (diz o chronista da provincia da Piedade) da outra parte do rio Douro, um pouco mais abaixo da cidade, em sitio medianamente levantado sobre o rio, para aquella parte, que se mette no mar, e não muito longe, junto ao lugar de Gaia, que com pouca corrupção conserva a memoria do antigo castello de Calé, celebre pelo nome, que deu a este reino, conforme a melhor opinião. Junto pois ás ruinas deste castello está edificado o nosso convento, em logar ameno e delectoso, assim pela visinhança e formosa vista do rio: como tambem por haver dentro da cêrca copiosas e perennes fontes de agua, das

quaes uma vem por canos sair á claustro, d'onde se reparte, e vae regar a horta e pomar, cheio de muitas arvores de diversas fructas. Ha tambem outras plantas, como são murtas, carvalhos, e outras semelhantes, as quaes a falta, que commettem em não dar fructo emendam e recompensam, ora recreando aos encalmados com sua fresca sombra, ora alegrando os olhos com sua aprasivel formosura. O logar, onde agora está o nosso convento, chamava-se antigamente Valle de Amores: foi-lhe posto este nome, porque era mui frequentado pelo fresco do arvoredor, e curioso do jardim; tomaram os ociosos motivo para offenderem a Deus n'este trato, o que era occasião para o engrandecerem e louvarem. Pela mesma causa era chamado dos zelosos Valle do Inferno, até que ultimamente trocou este nome, depois que n'elle entramos, em Valle de Piedade, como agora se chama. »

Apesar de passados annos ser ampliado este convento com mais um dormitorio, sempre ficou pequeno, de sorte que nunca viveram n'elle mais de vinte religiosos.

A igreja foi victima das devastações da guerra civil, que inundou em sangue Portugal, durante os annos de 1832 a 1834. Um incendio voraz a con-

MARÇO 12, 1853

sumiu logo no principio do famoso cêrco do Porto, e nunca mais foi reparada. O edificio do convento e cêrca foram vendidos a um negociante do Porto, que os tem melhorado muito.

Nem a grandeza da traça, nem os primores da architectura, nem finalmente as recordações historicas fazem digno de apreço este edificio; porém, a formosura do sitio, e o gracioso aspecto da frontaria do templo, assentada sobre uma alta e espagosa escadaria, dominando a furiosa corrente do Douro, e apparecendo como a furto por entre a verde ramagem de corpulentas arvores, fazem-no certamente merecedor de ser visto. (1)

INSTRUCCÃO POPULAR.

ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA.

VI.

Aqui, em Portugal, obedece-se ao primeiro pigmeu que empunha uma vara de juiz pedaneo, e treme-se diante do primeiro tyrannete de melodrama, que abraça a toga administrativa. Só se desdenha a auctoridade, quando é exercida pelos homens de sciencia, e pelos unicos privilegiados do mundo, os favoritos do genio e da sciencia. Mas em parte o povo merece indulto pelo seu rude e selvatico desprendimento de todas as formulas e ritos litterarios. Os poucos homens de letras que se contam no paiz vivem demasiado embevecidos na sua propria contemplação, no cuidado insano de recatarem e acrescentarem o seu peculio de gloria; vivem demasiado entretidos com rivalidades e malquerenças, para lançarem, do seu olympo de vaidades, uma vista indulgente e benevola sobre isto que elles poderão chamar as questões do jota e do i romano. O paiz é pequeno theatro para tantos actores. Crêem que não ha louros em Portugal com que se enramem corôas para tantos que sequiosos as anseiam. Isolar-se systematicamente; deprimir e envilecer os emulos que a par de cada um avangam no mesmo estadio; enflorar os laureis com os florões roubados da fronte dos antagonistas; fugir da associação litteraria para a sombria independência do individuo; e rejeitar com uma sobranceira criminosa toda a iniciativa civilisadora que parta de um escriptor rival; eis ahi os defeitos que, amesquinhando o caracter de boa parte dos nossos homens de letras, tornam impossivel a sua influencia collectiva, e a auctoridade das corporações litterarias de Portugal. Em Portugal ha litteratos, mas não ha litteratura. Ha escriptores que se desdenham paternalmente, mesmo quando se plagiam. Se um escrever uma palavra de um modo, será razão auctorizada para que o outro a escreva de modo diverso. Se um propõe uma idéa, os outros entendem que essa proposição é um ataque á sua preeminencia, e uma acção hostil que justifica plenamente uma opposição desordenada e caprichosa. É para cumulo de miseria, a academia real, que para sciencias não serve, que para letras é parcimoniosa, nem ao menos quer ter o merito de regularisar a parte mecanica do idioma nacional, legislando e propondo á approvação publica um systema racional de orthographia patria. Apesar da reforma dictatorial, que assustou um momento o mocho cego e paralytico da antiga academia, esta veneranda corporação,

sacudida no ar pela mão do seu reformador, entornou as ondas o pó secular que a deslustrava, e voltando bem depressa ao seu repouso hereditario, recebeu de novo a poeira monumental que novamente lhe veio poisar na superficie. A academia não existe. Existem academicos. Existem distinctos escriptores e poetas; existem profundos geometras; existem experimentados naturalistas; existem medicos de incontestavel reputação. Mas esses sabios, esses litteratos, esses poetas, são membros da academia, e — paradoxo incrível! — nada tem com a cachetica e impotente academia. Quasi todos são, senão jovens, ao menos no vigor da virilidade, e na quadra mais activa, mais fecunda, mais inventiva de uma vida intellectual. E todavia, ao sentarem-se nas poltronas adamasçadas da veneranda assembléa, parece que a intelligencia se lhes annuveia, e que admirados de se verem n'um recinto consagrado desde largos annos á esterilidade ou á inepecia, se tomam d'aquelle torpor beatifico, que faz desde muito tempo o caracter proverbial e comico de um academico portuguez.

Mas, pois que a academia se não resolve a tomar perante a opinião publica o caracter venerando de primeira corporação letrada do paiz, porque não se congregarão fóra do recinto da academia os primeiros escriptores de Portugal; porque não chamarão a si todos quantos na nossa terra presam a gloria e o esplendor das letras patrias; porque não celebrarão uma assembléa destinada a regular por uma fórma simples, racional e systematica a desordenada, a deploravel orthographia de uma lingua tão perfeita, tão melodiosa, tão cultivada, tão litteraria como a nossa?

Não advogamos aqui, por agora, a adopção deste ou d'aquelle systema, nem damos, por ora, a preferencia a tal ou tal proposição das poucas que se hão feito para harmonisar e simplificar a escriptura do nosso idioma. Discuta-se, litigue-se livremente, desassombradamente o melhor principio a seguir na orthographia. Entre os dous systemas exclusivos e oppostos, a rigorosa etymologia e a representação phonica das palavras, ponderem-se as razões de preferencia, meditem-se as vantagens e facilidades relativas; mas trabalhe-se por adoptar um systema unico, e comprometam-se todos os que presam letras com os que as illustram e acrescentam na nossa terra, a obedecerem religiosamente ás decisões da maioria.

Ha já thema definido para discussões de assembléas, e para polemicas litterarias em jornaes. O nosso amigo Antonio Feliciano de Castilho, promotor incansavel de tudo quanto interessa á maxima illustração do povo, tem para apresentar uma proposta de extrema simplificação para a orthographia portugueza. Não encareceremos por ora as innumeradas vantagens deste methodo proposto. Não anteciparemos opinião sobre o systema do sr. Castilho. Limitar-nos-hemos por agora a expôr simplesmente as bases em que se funda.

O sr. Castilho parte do principio incontestavel de que cada som simples e distincto deve ser representado por um signal unico, e que cada signal phonico deve corresponder exclusivamente a um unico som. E a escriptura phonica em toda a sua simplicidade, em todo o seu rigor.

É claro que a applicação deste principio depende essencialmente de se haver fixado para cada palavra a pronuncia verdadeira que lhe corresponde, e de se haver adoptado previamente como pronunciação, por assim dizer, official e culta, a que se segue entre a gente douta e que mais timbra na elegancia e pu-

(1) Universo pittoresco.

reza do fallar. O provinciano poderá seguir nas suas familias as corruptelas da pronunciação; poderão o minhoto, e o beirão trocarem o *v* em *b*, e reciprocamente; mas no escrever as palavras hão de sujeitar-se á pronunciação civilisada e cortesa, á que serve de padrão por onde se ha de aferir a unidade da lingua patria.

Discorrendo por todos os sons e articulações que a lingua portugueza póde offerecer, o sr. Castilho distingue, pôr uma analyse reflectida e por uma observação minuciosa, os sons vogaes simples de que a lingua portugueza se compõe.

Assim, começando pelas vogaes, o sr. Castilho nota no *a* dous valores distinctos; o de *a* na palavra *pá*, e de *a* na palavra *para*. Para o *e* encontra tres sons differentes; o primeiro aberto como em *pé*, o segundo mais fechado como em *lê*, o terceiro mais surdo ainda como em *ferir*. O *i* tem um som unico, como em *vi*. O *o* tem um som aberto como em *pó*, e um som fechado como em *avô*. O *u* apresenta um valor unico como em *tu*.

Mas correlacionados com os valores dos que vulgarmente se chamam vogaes, ha ainda outros sons simplicios e vogaes que resultam de se expellir o ar, quando se formam as vogaes simples, compellindo-o para as fossas nasaes, do que resulta parecer o som sair pelo nariz. Estas vogaes são como o *a* de *lã*, como o *e* de *tenda*, como o *i* de *fim*, como o *o* de *som*, como o *u* de *um*. Estas vogaes chamam-se nasaes, ou mais propriamente, como as appellida o sr. Castilho, *vogaes nasaladas*.

Descubertos assim os sons elementares que entram na composição de todas as palavras portuguezas, o sr. Castilho propõe que cada uma d'ellas seja representada por um signal, por uma letra que exclusivamente lhe pertença. Como não tenhamos no alphabeto romano caracteres sufficientes para exprimir todos os sons, propõe o sr. Castilho o que em parte, ainda que sem systema e sem regularidade, se segue hoje na orthographia, ou antes n'esta detestavel cacographia da nossa lingua, e em parte o que já em tempos remotos usaram os nossos escriptores no orthographar as palavras portuguezas.

O primeiro som de *a*, o mais aberto, represente-se por *ã* accentuado, o segundo por *a* simples. O primeiro som de *e* por *é* accentuado, o mais surdo por *e* singelo, e o medio por *ê*, com o accentuado que chamámos circumflexo. O *i* seja sempre expresso por *í*; o *o* aberto por *ó* accentuado, o fechado por *o*, ou singelo, ou acrescentado com o accentuado circumflexo. O *u* finalmente, quando fór breve como em *viu*, com *u* simples, quando longo como em *bahú*, com o *ú* accentuado.

As vogaes nasaes escrevam-se com os signaes das vogaes primitivas, impondo-lhes o accentuado nasal ou *til* (*~*); deste modo *ã*, *ê*, *í*, *ô*, *û*, como em *lã*, *têda*, *fí*, *sô*, e *û*, como se acha impresso nas edições antigas dos nossos classicos.

Não é a isto só que se reduz a proposta do sr. Castilho. Não basta pôr em pratica estas duas leis orthographicas que o sr. Castilho formou. É necessario escrever como se pronuncia, e para conseguir este resultado torna-se imperiosamente necessario que se proscressem: 1.^o todos os valores intrusos e absurdos em que as letras vogaes têm, por abuso e ignorancia de escrevedores, andado de posse indisputada; 2.^o que um som unico se exprima sempre na escripta por um signal unico e exclusivo.

Achados os signaes que representem os sons, ou vogaes, é mister buscar para as articulações ou consoantes caracteres apropriados.

Discorrendo pelas articulações da lingua portu-

za o sr. Castilho acha como articulações distinctas as seguintes: 1.^o *b* como em *bóla*; 2.^o *c* com o valor que tem em *café*; 3.^o *d* como em *dó*; 4.^o *f* como em *fé*; 5.^o *g* com o valor aspero ou forte que tem em *gála*; 6.^o *g* com o valor brando como tem em *gêlo*, ou *j* com o valor que tem em *jara*; 7.^o *l* com o valor que tem em *li*; 8.^o *lh* com o valor que tem em *palha*; 9.^o *m* com o valor que tem em *mó*; 10.^o *n* com o valor que tem em *nó*; 11.^o *nh* com o valor que tem em *vinha*; 12.^o *p* com o valor que tem em *pó*; 13.^o *r* forte com o valor que tem em *rã*; 14.^o *r* brando com o valor que tem em *ára*; 15.^o *s* com o valor que tem em *só*, ou com o valor dos dous *ss* de *missa*, ou com o valor de *c* em *mogo*; 16.^o *t* com o valor que tem em *Tijo*; 17.^o *v* com o valor que tem em *vára*; 18.^o *x* com o valor que tem em *xarope*, ou com o valor de *ch* em *chá*; 19.^o *z* com o valor que tem em *zêlo*, ou com o de *s* em *casa*.

Dezenove são pois as consoantes ou articulações; o 1.^o som exprime-o o sr. Castilho por *b*; o 2.^o sempre por *q*, desprezando o *c* por ter dous valores segundo a orthographia antiga, como em *cão* e *cão*; o 3.^o por *d*; o 4.^o por *f*; o 5.^o sempre e exclusivamente por *g*, escrevendo, por exemplo, *gála* e *gia*, (em vez de *guia*); o 6.^o por *j* sempre, como *júlia*, *jeira* (em vez de *geira*); o 7.^o por *l*; o 9.^o por *m*; o 10.^o por *n*; o 12.^o por *p*; o 13.^o, ou o valor forte do *r*, por um *r*; o 15.^o sempre *s*, de modo que com *s* se hão de escrever *sol*, *mássa* (em vez de *massa*) e *môssa* (em vez de *moça*); o 16.^o por *t*; o 17.^o por *v*; o 18.^o sempre por *x*, de modo que com *x* se escreverá *xarópe* e *rã* (em vez de *chá*); o 19.^o por *z* sempre, de sorte que com *z* se ha de escrever *zêlo* e *cáza* (em vez de *casa*). As articulações 8.^a, 11.^a e 14.^a são as que restam a representar. O valor de *lh* não é mais que uma modificação particular da articulação *l*, e o *nh* é igualmente uma modificação especial do *n*; o *r* forte tem muita relação com o *r* brando, e tanta que na nossa e em muitas outras linguas pelo mesmo signal se representa.

Os castelhanos representando a articulação *n* por este signal entenderam desde muito, que assim como a articulação *nh* é uma modificação do *n*, assim tambem o signal para exprimir aquella devia resultar do signal phonico desta, com uma ligeira alteração; este signal é o *n* com o til (*~*). O sr. Castilho adopta igualmente o *ñ* para a articulação *nh*. E por analogia adopta-se o signal *l* em vez do signal antigo *lh* para a articulação *l* mollada. E por idêntica razão empregaremos o signal *r* para exprimir o *r* forte.

No alphabeto racional do sr. Castilho as vogaes são pois — *á*, *a*, *é*, *e*, *í*, *i*, *o*, *u*, *ã*, *ê*, *í*, *ô*, *û*; e as consoantes ou articulações — *b*, *q*, *d*, *f*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *ñ*, *p*, *r*, *r*, *s*, *t*, *v*, *x*, *z*. Com estes trinta e tres signaes se exprimem racionalmente todas as palavras. Vem a ficar proscriptos por inúteis o *c*, o *h*, o *k*, e *y* grego, que tem na nossa lingua o mesmo valor do *i* romano.

Eis-aquí pois as bases fundamentaes do systema orthographico do sr. Castilho. Não progrediremos em mais amplos desenvolvimentos, porque nos levariam muito longe do nosso principal assumpto, que se reduzia a tornar palpavel o estado lastimoso da nossa orthographia, unica desordenada e irregular de quantas se conhecem na Europa, e chamar sobre a sua reforma a attenção dos homens que podem e devem interessar-se pelas cousas litterarias, e a propôr como materia de discussão para a imprensa um projecto, que, ainda quando não tivesse a seu favor a auctoridade de um grande nome, e a sancção do ra-

ciocinio, serviria como de thema a um debate, d'onde pudesse nascer, senão a melhor orthographia, ao menos um modo uniforme e nacional de escrever a lingua portugueza.

J. M. LATINO COELHO.



VITRUVIO.

MARCO Vitruvio Pollio, bem conhecido de architectos e antiquarios, apesar do seu incontestavel merito, e das obras importantes que escreveu, teria inteiramente esquecido como outros esqueceram, se não registára em um livro precioso os principios da arte que exerceu magistralmente.

É incerto o lugar do seu nascimento. Dizem alguns que vira a luz em Formio, cidade da Campania, hoje *Mola di Gaeta*, e fundam-se em terem-se encontrado nas ruinas d'aquella antiga cidade inscripções sepulchraes em que se faz menção da familia *Vitruvia*. Porém o nosso sabio humanista o sr. José Vicente Gomes de Moura, na sua excellente obra *Noticia succinta dos monumentos da lingua latina*, (1) assevera ser Vitruvio natural de Verona.

Tão pouco se sabe o anno em que nascêra; é certo, porém, que floresceu em tempo de Cesar e de Augusto.

No prefacio do sexto livro da sua obra (2) declara Vitruvio haver recebido de seus paes uma esmerada educação, e ter consagrado a mocidade ao estudo das sciencias.

Com effeito, quando não existisse este documento bastaria lêr, ainda superficialmente, a obra do famoso romano para conhecer que lhe não eram estranhos muitos ramos do saber, e que possuia profundo conhecimento de todos os conhecimentos que mais immediata relação têm com a architectura propriamente dita.

Foi encarregado do desenho e direcção de muitas construcções importantes; sendo-lhe tambem encomendada a factura de machinas de guerra, de concerto com M. Aurelio, Publio Numidio e Lucio Cornelio. No tempo de Julio Cesar recebeu deste, na

qualidade de engenheiro militar, avultados estipendios, que lhe foram continuados por Augusto, pela recommendação de Octavia.

Entretanto, apesar da distincção com que parece ter sido considerado, Vitruvio queixa-se da pouca justiça que os seus contemporaneos faziam ao seu merito.

A posteridade foi mais benevolente, e porventura mais justa com elle. Apesar das imperfeições do plano, apesar da sequidão de um estylo didactico, (1) por vezes obscuro, a obra de Vitruvio tem sido impressa em repetidas edições. A primeira edição de Vitruvio segundo o sr. Moura, é a de Roma, por J. Sulpicio Verulano, sem data nem lugar da impressão; seguiu-se a de Florença em 1496, folio, sem commentarios e sem estampas. Vem depois a de Venesa, 1497, igualmente sem commentarios, nem estampas. A primeira edição commentada foi a de J. Jucundo, feita pelos codices, em Venesa, 1511, folio: foi dedicada ao papa Julio II, revista e reimpressa em Florença, 1513, folio, e depois em 1522, 8.º

Seguiram-se as de Philandro, Lugduni Bat. 1552, e Genevae 1586, 4.º; a de J. de Laet. Amsterdão 1649, folio; sendo comtudo melhores a de Aug. Rode, revista pelo codice Guelferbytano, com um glossario dos termos technicos, vertido em allemão, italiano, francez e inglez, Berolini 1800, 4.º; a de Argent. 1807, 8.º, e a de Schneider, Lipsiae, 1803 e 1808, com as notas de varios.

As obras de Vitruvio foram traduzidas em inglez por W. Newton, Londres, 1792, e por W. Wilkins, 1813; em francez por J. Martin, e J. Goujon, Paris, 1547; por Perrault, com boas notas e estampas, Paris 1678, ou melhor 1684, folio; em italiano por Dan. Barbaro, com os commentarios deste, Venesa, 1556, folio, 1567 e 1584, 4.º; com os commentarios de Cesariano, Como, 1521. É muito estimada a traducção do marquez Galiani, Naples, 1758, folio. Em hespanhol ha a traducção de D. J. Ortíz y Sanz, publicada em 1787, e que é um dos mais bellos monumentos typographicos da Hespanha. Mas sem contestação a melhor edição que se conhece é a publicada em Udino de 1825 a 1830, com tresentas e vinte estampas. O texto desta edição foi correcto pela de Schneider; os commentarios, as dissertações e os appendices de que é enriquecida, são obra de Simão Stratico e de Peleni; a execução typographica é primorosa. N'esta optima edição e que se encontra o retrato de Vitruvio copiado na nossa gravura.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO IX.

A Torre de Caim.

LENDA DO SECULO XI.

III.

Deus seja connosco!

«NA sala de Santa Olaia resoam gritos d'alegria—Que luz faiscam as malhas polidas; que reflexo ce-

(1) Coimbra — imprensa da Universidade — 1823.

(2) De Architectura — libri X.

(1) Melius est architecturae quam latinitatis magister. Walchius, Hist. Crit.

ga nos dourados capellos! Fallam d'amores os cavalleiros moços de joelhos aos pés das donzellas que os escutam no estrado. Violas e doçainas acompanham as endeixas dos trovadores. Mais longe, no turbilhão de cem côres, no laço de mil fórmas gentís, volteam danças, e o furtivo olhar de galantes pares promette novos enlances a mais de uma familia nobre.

«Em quanto não chegam os convivas, geme o vento pelos frizos e laçarias, pelos columnelos delgados da casa do banquete. A lua, alta no céu, cõa pelos vidros uma golphada de luz, que treme na ponta dos ferros, encostados aos muros. De repente as trompas cortam o silencio. O clarão dos fachos reflecte, avinha-se, e alarga o circulo, orlado de sombras, que se estira no pavimento. Escanções enchem taças, circulando-as em redor. Saudes, ditos, e risadas, trocam-se, baralham-se, e confundidos vdam de um ao outro extremo da mesa.

«Entre os da sua raça D. Ordonho é o mais contente. Tem Auzenda á esquerda, e um escanho vazio á direita espera por Moço Ansures. Defronte, n'outro vazio tambem estaria o pae do noivo, se pudesse deixar a sepultura. Cobre-o um grande véu de luto.

«Giravam as danças, corriam as taças, e pelas portas do alcacer, patentes a todos, monges, donas, e cavalleiros, vinham entrando uns após outros. D. Ordonho poz-se de pé: «Á paz das Hespanhas!» gritou com a taça erguida. A longa aclamação dos convivas respondeu unisona ao brinde do guerreiro.

— «Possam como esta findar as rixas entre irmãos!»

«Ainda não punha o vaso na mesa quando lhe escapou um grito. Olharam attonitos, e ficaram as taças suspensas, e todos immoveis como estatuas.

«No lugar do pae de Moço Ansures appareceu de repente um homem sentado. Vestia armas pretas, antigas, tinha a viseira calada, e por cima da cotta negra, bordado, o açôr do Douro.

«Descalçou o guante direito, e tomando ao acaso uma taça, levantou-a lentamente:

— «Conde Ordonho,» exclamou em voz sombria, «disseste bem; á paz de S. João!»

«Não bebeu, entornou o copo, e o vinho derramado parecia sangue vivo sobre a toalha. Aonde pousou o prato da taça ficou o signal de ferro em braza. Alçou então a viseira. Olhos, feições, e modos eram os do cavalleiro assassinado, fazia quatorze annos aquella noute. As faces lividas, e as barbas brancas como o sudario, em que o sepultaram, faziam lembrar que lhe passára por cima o frio da morte.

«Todos quizeram fugir; mas ninguem ponde mover-se.

CAPITULO X.

O CASTELLO QUEIMADO.

IV.

Como do noivado saiu o enterro.

FR. Munio fez uma pequena pausa, e continuou depois:

«Era meia noute em ponto. A sineta da ermida tocou tres dobres compassados.

«Ao primeiro, suspensas na carreira, todas as danças estacaram. Homens e damas petreficando-se na posição, que tinham, formavam esbeltos grupos, que ainda pareciam vdar.

«Ao segundo golpe do sino calou-se o som nas

violas e nos alaúdes, e a ultima nota tremeu solitaria pelas arcarias profundas. As cordas ficaram mudas, e surdo o sopro nas trompas. A cantiga dos jograes, sem elles quererem, entou de repente o *dieux*, retumbando em longos echos.

«Errigavam-se os cabellos de terror!

«Ao terceiro dobre o castello gemeu nos alicerces, como se um furacão o levantasse. Os cirados jogavam, e as torres vacillavam; em um abrir e fechar d'olhos é que tudo isto passou.

«É o cavalleiro negro? Começava osino a dobrar quando desappareceu.

«Que susto; que pavor! Uns corriam, outros chamavam; mas debalde! chegaram a pôr-se de pe para fugir, porém atraz d'elles as portas fecharam-se, e ninguem lhes tocou; a diante o portal bateu sem ninguem o impellir; mãos invisiveis alavam as levadiças, que se viam subir nas correntes.

«Ai, noute de S. João, noute aziaga! Os olhos, que choraram por tua causa valiam reinos; foste fatal! A alcachofra, ardendo em esperança, não arrebitou ao orvalho bento; e os palmitos, negra sina! em vez de rosas ficaram de cypreste no leito do noivado.

«Estava sobre os pagos do conde o poder dos infernos. O suor frio corria pelas faces dos cavalleiros; e com o tremor do corpo tinha a espada contra a espada. Pouco a pouco raiou uma pluma de fogo na escuridão; cresceu, alargou, e em nuvens de fumo subiram das torres carduines de chammas. Jesus! acudi! Vae arder o castello!

«E as portas cerradas, e os cirados altissimos, e o fosso tão fundo!

«Tornou a romper a lua, espelhando o clarão no rochedo talhado a pique, a um tiro de setta do alcacer. Rebentadas ali, a sombra de antigo choupo, ferviam as aguas nas fragas, despenhando-se em cachão na ribeira, que em baixo, a muitas bragas, arremessada e funda, bramia entre penedos.

«Aonde estará D. Ordonho, conde!

«Aos pés d'Auzenda! Com ella desmaiada nos braços, com as chammas a crestar-lhe o rosto vdeu, não correu, de andar em andar até ao terrago; as lavaredas entrelanto cresciam; as pedras despegavam-se; o castello ia desabar! Os cavalleiros sem falla mal escondiam as lagrimas.

— «Erusigis, escudeiro! A minha acha adamacada,» gritou o senhor de Santa Olaia. «Ainda posso com ella. Houve tempo que nem de diamante me resistiria um elmo.»

— «Aqui todos!» gritou depois em grande brado.

«Outra vez palpitou a esmorecida esperança.

«Levantam as achas. Golpe de cem machados, vigor de tamanhos braços, ancia de desesperação mortal, quebraram juntos na massiga porta. Gemeu o roble no monte, feriu lume o ferro, batendo no ferro, mas os gonzos não cederam! No castanho chapeado nem signal dos finos gumes! Os machados, partindo em rachas, lascaram até o cabo.

«Por cima do alarido ouviram-se altas risadas. D. Ordonho, volvendo os olhos áquella parte, viu no cume das rochas o cavalleiro negro. Espumava a cascata aos pés do cavallo; a direita brandia um facho; a esquerda com a redea continha o corseel, mãos no ar sobre o abysmo.

— «Conde Ordonho, ahí te dei uma fogueira do S. João para a tua festa. Pago as arrhas do noivado!»

«O velho não achou na alma senão um grito de desesperação para lhe responder.

— «Lembra-te de Ansur, morto ha quatorze annos e um dia. O sangue da tua raça é pouco para

vingar o sangue d'elle. Está cumprido o voto de Inigo Lopes."

"É como se o inferno o assoprasse, atea-se o fogo aonde ardia, e lavra com mais furor, D. Ordonho ajoelhou. No seu hombro reclinou-se desfallecido o bello corpo de Auzenda. As faces desbotadas da alvura do lyrio, encostam-se á tez queimada do guerreiro; as franças em desalinho torcem-se por entre as brancas madeixas d'elle; e os olhos meios fechados, aonde expira a doce luz da vida, fazem chorar de dôr e de piedade os que esta scena dilacera.

— "Castigae-me, Senhor," dizia o conde; "mas esta innocente que não fez crime, porque ha de acabar tão cedo, e de tal morte!?!... caia sobre a cabeça do peccador a espada da justiça; pouco tenho já a viver; e do mundo só levo esta saudade!"

"E apertando ao coração a neta, a duas e duas saltavam as lagrimas pelos olhos como punhos. O que não daria o senhor de tantos castellos, e de tantos vassallos por alguns palmos de terra, por uma respiração á briza da noute, que refrigera o escravo nas visinhas serras?

"O conde ergueu-se. Tinha tido um instante de fraqueza. Alma do soldado verga, mas não quebra.

"A maior dôr calou-se diante da sua dôr; o pranto deixou de manar diante d'aquelles olhos enxutos; e o mais animoso estremeceu vendo, muda e só, passar a vingança. Eil-o vae, o velho fronteiro; nem capello nem arnez lhe defende a fronte, ou cobre o corpo. Leva escripta no rosto a morte. Na orbita ensanguentada reluz terrivel chamma; nos labios brancos e convulsos suffoca-se o doloroso gemido. Deixae-o ir, é o castigo de Deus! Inclinae-vos, é o santo amor de pae!

"Como a aguia real, apesar de ferido n'alma, não caia. Com a flecha dentro do peito, subiu ainda. Que fogo na vista immovel; que raiva no vôo lento! oh! guarde-se o abutre; ha de morrer primeiro que o rei dos ares!

"O céu toldou-se, a lua escondeu-se, e nas alturas bramiu profundo o vento. Até muito longe, nos plainos e outeiros, o clarão do incendio tingia cascaes e campinas. O fumo, fechando em cortina espessa, ou rasgado pelos furacões, rompia em rôlos entre faiscas como espadas; as aguas espadanavam nas fragas: o relampago lambia a corda dos montes; o trovão estourava com estampido horrendo.

"A arza da tempestade varria a terra; que vulto é aquelle, encostado ao arco, no mais alto da torre albarran? Tremem-lhe aos pés as lageas abrazadas, e não as sente. Sobre a cabeça, cruzando-se, fogem mil sentelhas, e não as vê. Ao lado estalam os madeiros com fragor, gemem as paredes abatendo, e não accorda. Hugindo, o temporal passa pelos cedros, e estronha-os; o raio fuzila, lascando a montanha; as torrentes são rios caudales: qual escudo cobre o filho do homem, que não vacilla!

"A desesperação! Que lhe importam ao desgraçado as amegras do céu e as ruínas da terra? Queimam-lhe a face do tel nas mãos; tem a peor das dores no coração: raras dôres serão como a sua dôr!

"D. Ordonho, o conde, o senhor de sete castellos, a liza de vinte cavalleiros, o pendão das terras de Milho, morreu em vida. Na torre de seus avós succubou-se entre as ruínas, digno jazigo do ultimo filho de uma grande raça.

"Mas antes fez justiça! Um rugido similhante ao das feras, saiu em fim do peito. Pelas faces passou a fúria da ira. O seu arco encurvou-se, vibrou a corda, e a vista accesa mediu a distancia. Ai de quem podesse o tiro! A setta se espera um tanto para parte silbando direita ao alvo.

"De repente, tres vezes estoura o trovão, e tres vezes o fogo do céu illumina os campos. Sôa o galope d'um cavallo; e raspando as fragas do monte, a ferradura d'aço retine ao longe. Armas brancas, capello sem viseira, no peito o açôr do Douro, sobre a cotta a cruz vermelha. É D. Moço Ansuress? Á claridade do relampago, á luz do facho do cavalleiro negro, viu-se o corsel ennovelar o corpo na aresta do precipicio, e os pés descaírem pelo declive aprumado. Cavallo e cavalleiro banhados em suor, suspensos por um fio, arquejam tremendo sobre o abysmo.

"O que D. Inigo lhe diz, e o que elle responde ninguem ouve; bramia o vento, e não fallaram alto. Pouco depois, viu-se com o ginete a prumo sobre a voragem, D. Moço jogar a lança, e o renegado sumir nas aguas a luz do facho. Já tinha a espada sobre D. Moço, já o golpe descia, fuzilando nas trevas... quando assovia uma setta; e o mancebo mal percebe rolar o homem de repente, torcerem-se-lhe os dedos nos ramos do choupo; e dobrado nos ares resvalar um corpo nas rochas, de pico em pico, até se enterrar nos cachões da cascata, espirrando a grande altura espuma e sangue.

"Soam da torre do castello gritos de triumpho. Por instantes, soltos ao temporal que os sacode, fluctuam os cabellos do conde Ordonho. A estatura gigante avulta, cosida nas chammas, immovel, e de pé. Depois, com grande fragor, a torre abateu, as quadrellas caíram, as traves accesas remoinharam, e entre os estrogos, como em leito tranquillo, o velho guerreiro, envolto no pendão do Lima, desafiando a morte com os seus leões victoriosos!

"Honra ao que morre sem virar o rosto, amortalhado nas armas, debaixo do seu pendão! Ao cabo de oitenta annos o fronteiro de Coimbra sepultou consigo a orgulhosa raça de rio d'Ave. Do alcacer ficou só a torre que além vemos, e a ermida aonde jazem os ossos de Auzenda e de Ansur.

— "É D. Moço?" perguntou Martim Paes. "É Auzenda?" acudiu D. Nuno.

— "D. Moço," proseguiu o monge, "vespera de S. João, como promettêra, corria toda a noute, pelo caminho de Santa Olaia. Longe ainda do castello deu-lhe nos olhos o clarão do incendio. Teve um presentimento. Crava esporas no cavallo, despede a carreira por torrentes e alcantás. A tempestade a crescer, o ginete a rebentar, e elle sem se deter. Mais de perto viu distinctamente o fogo arder. Novo estímulo, corrida mais fera. De repente, na escuridão, sente o cavallo estacar e tremer, vê o luzeiro de um facho cegar-lhe os olhos, e em baixo, muito fundo, ouve quebrarem as aguas com grande motim.

— "O que succedeu então já eu contei.

"Mal expirou Inigo, desfez-se o encanto, e D. Moço procurou Auzenda. Ia a beijar-lhe as mãos, e a sua boca recuou dos dedos frios de neve. O seio não arfava já, e os olhos não tinham luz. Levaram-na á ermida; puzeram-lhe a corôa de rosas brancas, e a terra comeu de quinze annos a maior formosura das Hespanhas.

"Nem uma hora de alegria gosou mais D. Moço Ansuress. Arrumada a lança, deposta a espada, nunca mais os seus joelhos apertaram o cavallo das batallas. O que iria procurar aos combates? Se a gloria já não tinha a quem a dar, se a patria... oh! essa!... mas nem ja por ella se aquecia o frio d'aquelle coração. Sombra do que fôra, o desventurado não viveu, chorou. Amor, ambição, esperança; eram tudo saudades e dores. Do mundo só queria uma coiza: sete palmos da mesma terra que cubria Auzenda!

« Na ancía das veladas noutes, ao amortecer da lampada, sentia a magua mais viva, recordando-se do que perdêra. Sobre a madrugada, o somno mal pousava de leve nas palpebras, nunca enchutas de lagrimas. O delirio dos sentidos mostrava-lhe então ao pé do leito a imagem que tinha no coração. Era ella, via-a, como nos dias da sua belleza, com a mesma grinalda de flôres do campo sobre os cabellos louros; com as mesmas roupas alvas desenhando as fôrmas esbeltas. Nos olhos lia-lhe amor e tristeza; nos lábios adorava o sorriso abrindo como rosa; fallava-lhe; e parecia-lhe ouvil-a responder. No seu dedo brilhava ainda o anel dos esponsaes, aquelle mesmo que havia um anno trocaram no cruzeiro á despedida. D. Moço queria como louco estreitar a visão ao peito, e não apertava senão o ar. N'estes tormentos padeceu mezes, até um anno, contado da noute fatal, e expirou sem agonia no mosteiro aonde se recolhêra.

« Amortalhando-o, acharam-lhe os monges um laço de cabello sobre o coração. Pelo quarto d'alva, os que velavam ao lado do esquife adormeceram, e um que jazia em oração, contou depois, que vira apparecer uma dama, formosa como os anjos, e ajoelhar chorando; de dentro do caixão saíu um braço; e ella, com a sua na mão do morto, cingiu-lhe na testa uma corôa de cecens. Um guerreiro de armas negras, rodeando, sem poder rompê-lo, o círculo luminoso que a cercava, tres vezes tentou quebral-o, e tres vezes vencido rojou a face no pó do templo. Era o noivado dos mortos entre Auzenda e Moço Ansures; era a sombra de Inigo Lopes, perseguindo ainda o sangue do conde Ordonho! »

(Continúa.)

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

Sebastião da Cunha, e o marquez de Pombal. — Descrição do porto de Bissau. — O ilheu de Bandidim, ou a morte. — Descrição e historia de Bissau. — Dez réis que não valem um real. — Costumes dos papeis. — A nova Sparta. — A inveja e a ingratidão.

II.

É TAMBÉM muito abundante em gado vaccum, porcos e cabras, aves de diversas especies, tanto de caga, como domesticas; o que torna a feira muito concorrida, e torna muito facil o abastecimento dos navios que ali vão refrescar; comtudo estes pretos não podem matar vacca, nem porco senão na occasião de funeral; e se o fizerem n'outra qualquer occasião perdem todos os seus bens para o rei, e por isso na feira não se encontra carne de vacca, ou de porco. Se alguma vez ali se achar á venda carne de qualquer d'esses animaes, é contar que morreu de doença ou desastre, no qual caso a vêem trazer ao mercado, e pedem ao comprador que lhes dê um bocado com que se regalem. Pódem comtudo vender as vaccas e porcos vivos; mas isso ha de ser de modo que o não saiba o rei, que quer para si o monopolio da venda aos navios, e não perdôa aos seus rivaes no commercio, que considera um direito magestático.

Pouco é o que de seus costumes se sabe, e mais é povo que está em intimo contacto connosco, perguntar por isso a um d'esses homens *distinctos*, a quem a metropole encarregou de governar esta praça e todos os estabelecimentos dependentes d'ella, é trabalho perdido, porque foram para elle cousa tão

indifferente como podem sel-o para mim os costumes dos samoyadas, onde nunca fui, e aonde não espero ir em minha vida! E não sei se devemos estimar que a tão inhabeis individuos se tenha confiado a conservação da nossa gloria e dignidade, ha onde mais brilhantes se mostraram uma e outra. Ao menos poupámo-nos ao desgosto de termos de envergonhar-nos de nós mesmos, e desprezar aquillo, que é uma desgraça para todos os paizes se chega a cair em desprezo, porque o pouco, e assim mesmo tão deficiente, que á custa de muitas fadigas e trabalho chegamos a saber, é uma reprehensão severa e incessante á nossa incuria, que devendo civilisar estes povos tem-nos deixado embrutecer mais; e porque ousámos sobrepor-nos ao unico elemento civilizador, ao catholicismo, atraçoando por soberba, ou por não sei que sentimento, a missão que o céu nos confiara.

As informações dos antigos navegadores pintam-nos este povo, pondo de parte os defeitos inherentes a suas superstições, como sendo dotado de boas qualidades, e capaz de receber as luzes da civilisação; e vemos até certo ponto confirmada a veracidade d'ellas pela grande colheita que fizeram os missionarios, quando ali iam de longe a longe. E o que temos nós feito depois de quasi quatro seculos de posse e dominio d'estes pretos, que recebemos na infancia? o que temos feito! mal os conduzimos até á juventude, abandonamol-os, privando-os de todos os socorros, e deixando-os correr arrastados pelo impeto de suas paixões até um estado muito inferior áquelle em que os tinhamos achado; pois não só lhes ensinamos vícios que elles não tinham, e que accresceram aos que, ainda não completamente extirpados, readquiriram sua força primitiva; mas tambem os deixamos receber de outros povos d'aquella costa, que não conheciam, e com os quaes lhes fizemos travar ligações.

Para se conhecer a que estado de degradação deixámos chegar este povo, poucos traços bastarão. E posto que pela continuação destes estudos terci de referir-me a alguns de seus costumes, não quero deixar de mencionar aqui dous que fazem parte de suas leis, e descubrem desde já o caracter desta população, que por excesso de torpeza chegou ao mesmo ponto a que alguns philosophistas especuladores que-rem conduzir os povos por excesso de civilisação.

O homicidio voluntario não é entre os papeis de Bissau crime a que irremissivelmente se siga a morte do culpado: este póde pagar a vida do defuncto com algumas vaccas, ou uma espingarda, ou alguns arrateis de polvora, ou garrafões de agua-ardente, conforme a importancia do morto, e o contrato de ajuste; ao que sempre se ajunta como *gorgeta* ou *luras* algum mimo de menos valor como umas contas, ou um frasco de agua-ardente. É só no caso de que se não pague o preço ajustado, ou que o matador não queira prestar-se a nenhum arranjo, que a morte d'elle é necessaria para pagar a vida do papel; e n'esse caso cedo ou tarde irremissivelmente morrerá.

A esta retaliagão, que sempre se verifica á traição, chamam os papeis *tona*, palavra terrivel que, quando chega a pronunciar-se, é uma verdadeira espada de Damocles, suspensa não somente sobre a cabeça do delinquente, mas igualmente sobre a de todos os membros de sua familia; e na falta destes sobre a de todos os individuos da sua nação. N'esta parte, que é consagrada pelas suas leis, estão os insulanos de Bissau em communidade com todos os papeis, e mais com os outros povos d'aquella ponto. Isto explica as mortes que por ali se fazem nos inglezes que apauham desgarrados, assim que por

aquellas paragens cruzou alguma embarcação de guerra d'aquella nação, cujas tripulações raras vezes deixam de matar alguns pretos, ignorando talvez que essas vidas são pagas pela horrível *torna*, que substitue o innocente ao culpado.

Algumas vezes tambem, posto que nunca isso aconteça com os brancos, que eu saiba, o assassino é feito escravo, e vendido por conta do parente mais proximo. Estou persuadido que esta especie de *torna* é uma modificação á lei terrivel do *sangue pelo sangue*, que foi estabelecida em consequencia do trafico da escravatura, e que deverá ter caducado para reasumir sua primitiva feroçidade, por causa da extincção do mesmo, que como todas as obras da mão dos homens têm algum bem ao pé de algum mal, assim como outras têm algum mal ao pé de algum bem. Amar o bem e o mal d'essas obras para preferir a que menos males produza, ou que os compense por uma maior somma de bens, devia ser o estudo dos homens de estado, uma vez que elles estivessem possuidos de um sentimento a que raras vezes os vemos prestar sincera homenagem. Da falta d'esse sentimento provém a maior parte das desgraças que affligem todos os paizes.

Como na republica de Sparta, o furto não é crime em Bissau. É um officio, um mister util e honroso, que é muito conveniente aperfeiçoar. O que ali se castiga é o desazamento do ladrão, que não soube furtar de modo que o não vissem: mas esse castigo não é corporal; não passa de um certo desprezo (como o que ha entre nós para um máu artista) de que póde remir-se, e chegar a obter consideração, applicando-se com esmero a attingir a perfeição na sua arte. Se o furto é feito a um europeu, não é difficil de obter a restituição, pagando-se um bom presente ao rei a cujo districto pertence o ladrão; e n'este caso a pena é um pouco mais severa para o criminoso, pois *trabalhou* para o rei, que recebe o presente para si, e manda restituir a cousa roubada.

Mas estes negros não perdem de vista o util mesmo quando se entregam ao agradável; elles não roubam só pelo prazer que n'isso encontram, e por isso não os vereis roubar cousa de que se não possam aproveitar. Entendem que têm direito a tudo que lhes faça conta; e de ali lhes provém o direito do roubo. O rei sabe que é o unico proprietario do seu reino, e que assim como póde privar os seus vassallos do que elles têm, e tomal-o para si, com dobrada razão lhes póde mandar entregar o que roubaram, e guardar para si o premio da restituição. Confesso que me admirou esta legislação, que lancei á conta da bruteza d'estes povos; mas confesso agora tambem que não fui cordato, pois não devia censurar na Africa aquillo mesmo que constitue uma especie de direito publico na Europa, e na America, e que se funda na mais *alta* civilisação: eu não tinha prestado bastante attenção a certos principios em que só reparei bem, quando em 1848 vi as funestas consequencias que a logica rigorosa e implacavel das seitas communistas d'elles tirava com uma inflexibilidade, que deixava a perder de vista o instincto dos papeis e dos balantas.

Assim a Europa culta e civilisadora veiu a achar-se, no 19.º seculo, no mesmo estado em que se acham as selvagens e safaras tribus da Senegambia meridional; em ambas honra-se a *arte de furtar*, e despreza-se o ladrão inepto: se alguma differença apparece no modo de honrar o furto entre os pretos e os brancos, é ainda em desabono dos europeus, porque a corrupção da civilisação materialista é mais torpe e hedionda, que a corrupção do barbarismo.

Os negros levam até ao extremo limite a punição

do homicidio, e n'isso os verdadeiros culpados somos nós que os deixámos recair na sua bruteza primitiva, mas nós levamos a ingratidão até aos extremos limites, e d'isso os culpados somos nós mesmos. Em quanto os oppressores do povo, os que têm escandalosamente delapidado as fortunas dos seus governados n'esta parte do mundo, vivem carregados de honras, e percebendo grossos ordenados, lá vegeta entre os negros, desconhecida e na miseria, a descendencia de Sebastião da Cunha, que entregou a Portugal vastos e riquissimos dominios, quando lhe assegurou a posse da fortaleza de Bissau depois de uma guerra de perto de seis annos, em que morreram mais de 2:600 pessoas.

E isso porque? porque sabiam muito bem furtar aquelles que se constituiram seus accusadores, e que acharam um protector onde só deviam encontrar um adversario infatigavel.

Esta ingratidão, atroz em si mesma, chega a ser torpe quando vemos a causa em que se fundou.

E porque não entraria tambem n'isso a inveja dos que não eram capazes de commetter feitos de tamanha heroicidade? a historia da Europa é desgraçadamente bem fertil em acontecimentos desastrosos contra homens benemeritos, que a inveja perseguuiu, e a ingratidão sacrificou. E não são elles um roubo, que os negros não são capazes de commetter; roubo feito a essas victimas illustres, roubo feito á nação?

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

— Quem, fazendo o beneficio, o lembra, é vil: quem, recebendo-o, o esquece, é ingrato.

— A paixão do jogo é tão cega, que obriga a sacrificar amigos, bens e honra.

— Muitos homens têm sido arrastados pela paixão do jogo, da desgraça á desesperação, e desta ao suicidio.

— O luxo enriquece dez productores, e empobrece mil consumidores.

— Sem esperanza e sem religião a vida para o infeliz seria um verdadeiro inferno.

— A vingança que o cidadão toma por suas proprias mãos é uma usurpação das attribuições do juiz e do carrasco.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

Rectificação. — No artigo — Estudos sobre a Guiné de Cabo Verde — inserto no *Panorama* n.º 10, pag. 78, col. 2.ª lin. 9, onde se lê — *e a separa da ilha de Bissau* — deve lêr-se da — *ilha de Bussis*: linha 13, onde se lê — *a ponta de Bissau* — deve lêr-se — *ponta de Bium*.

Aquelles senhores cujas assignaturas terminam com o numero 12, queiram ter a bondade de as renovar com tempo, para não soffrerem interrupção na remessa. Os preços são os annunciados por differentes vezes: isto é, por anno, ou 52 numeros, 1\$300 réis; por seis mezes ou 26 numeros, 700 réis: avulsamente, 30 réis cada numero.